



ANAIS



# III CEPIAL

---

CONGRESSO DE CULTURA  
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO  
DA AMÉRICA LATINA

---

Semeando Novos Rumos

[www.cepial.org.br](http://www.cepial.org.br)  
15 a 20 de julho de 2012  
Curitiba - Brasil



ANAIS



# III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA  
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO  
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

## Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO:  
SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS  
ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

[www.cepial.org.br](http://www.cepial.org.br)  
15 a 20 de julho 2012  
Curitiba - Brasil

ANAIS



**III CEPIAL**

CONGRESSO DE CULTURA  
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO  
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

**Eixo 4**

**“CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA”**

[www.cepial.org.br](http://www.cepial.org.br)  
15 a 20 de julho de 2012  
Curitiba - Brasil

## 4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

### MR4.1. Sociedade e Cultura de Fronteira

#### EMENTA

Esta mesa propõe-se a discutir fronteiras no Prata, contemplando diferentes temporalidades e espacialidades com enfoques voltados aos guaranis, às missões jesuíticas, aos migrantes dos séculos XIX e XX e às ideologias nacionalistas e de integração. Poderão ser trazidos ao debate estudos e reflexões que apontam para relações sociais transfronteiras, para vivências à margem das intencionalidades oficiais e de discursos hegemônicos. A composição da mesa proposta atentou para a inserção interinstitucional, para a interdisciplinaridade e vínculos com programas de pós-graduação que trabalham com fronteiras.

Coordenador: Valdir Gregory – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE - BRASIL)  
Carmen Curbelo: Universidad de la Republica Uruguay - (UDELAR - URUGUAY)  
Ernelo Schallenger – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE – BRASIL)  
Jones Dari Goeter: Universidade Federal da Grande Dourados - (UFGD - BRASIL)  
Ricardo Carlos Abinzano: Universidad Autónoma de Misiones – (ARGENTINA)

#### RESUMOS APROVADOS

**PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL LATINO-AMERICANO: O TRADICIONALISMO E A IDENTIDADE GAÚCHA (autor(es/as): Ana Carolina Rios Gomes)**

**O RAP ENTRE FRONTEIRAS: PRÁTICAS ESTÉTICO-MUSICAIS LATINO AMERICANAS (autor(es/as): Angela Maria de Souza)**  
**REMANESCENTES DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS DE NOSSA SENHORA LORETO E SANTO INÁCIO MINI NA PROVÍNCIA DO GUAIRÁ-1608-1639 (autor(es/as): BERENICE SCHELBAUER DO PRADO)**

**O CIRCUITO ROCKEIRO NA TRÍPLICE FRONTEIRA (autor(es/as): Franciele Cristina Neves)**

**A SOCIEDADE DE CONSUMO: ANÁLISES NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E PARAGUAI (autor(es/as): Luana Caroline Künast Polon)**

**Cortando a cerca: uma escola do campo frente a multiculturalidade contemporânea (autor(es/as): Lydia Maria Assis Brasil Valentini)**

**Movimento Hip-Hop como manifestação cultural: Uma análise do léxico de letras de rap em Foz do Iguaçu. (autor(es/as): RONALDO SILVA)**

**INTEGRALIZAÇÃO LATINOAMERICANA: AFIRMAÇÃO CULTURAL OU JOGADA IMPERALISTA? (autor(es/as): Victor Alves Pereira)**

**Sankofá- Abaeté: Construindo diretrizes, resgatando nossas raízes (autor(es/as): Vilisa Rudenco Gomes)**

**SAÚDE SEM FRONTEIRAS - REDE BINACIONAL DE SAÚDE NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI (autor(es/as): Daniela da Rosa Curcio et alii.)**

### MR4.2. Apropriação, Usos do Território e Práticas Sociais Diferenciadas

#### EMENTA

Os trabalhos da presente mesa circunscrevem-se às pesquisas que vêm sendo desenvolvidas pelos participantes, que têm como referência diferentes sujeitos (quebradeiras de coco babaçu, quilombolas, ribeirinhos e trabalhadores rurais dentre outros) e práticas sociais, em distintos contextos. Os trabalhos explicitam diversos aspectos da problemática relativa à organização, apropriação e uso do território. O fio condutor das reflexões está referido às diferentes formas e estratégias utilizadas por esses sujeitos face às definições e redefinições recentes do território.

Coordenador: Joaquim Shiraishi Neto: Universidade estadual do Amazonas - (UEA - BRASIL)  
Luís Fernando Cardoso e Cardoso: Universidade Federal do Pará - (UFPA - BRASIL)  
Rosirene Martins Lima: Universidade estadual do Maranhão - (UEMA - BRASIL)  
Ana Paulina Aguiar Soares: Universidade estadual do Amazonas – (UEA - BRASIL)

**MEMÓRIAS DA GUERRA DO CONTESTADO- A CULTURA POPULAR ATRAVÉS DA RELIGIOSIDADE NO MONGE JOÃO MARIA DE JESUS EM MARILÂNDIADO SUL. (autor(es/as): Bruno Augusto Florentino)**

**DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E SUA INTERFACE NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DO MUNICÍPIO DE ROSANA-SP (autor(es/as): CLEDIANE NASCIMENTO SANTOS)**

**REFLEXÕES ENTRE A MANUTENÇÃO DAS IDENTIFICAÇÕES RURAIS E A INFLUÊNCIA DAS MODERNIDADES NA VILA DO DISTRITO DE GUARAGI - PONTA GROSSA (PR) (autor(es/as): FABELIS MANFRON PRETTO)**

**ÍNDIOS, TAPUIOS E “CABOCOS”. CULTURAS E IDENTIDADES MARGINAIS NA MANAUS DE ONTEM E HOJE. (autor(es/as): PAULO MARREIRO DOS SANTOS JÚNIOR)**

**TOPOFILIA & TOPOFOBIA – TOPOCIDIO & TOPO-REABILITAÇÃO: A MERCANTILIZAÇÃO DA CULTURA EXPRESSA NO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO DE DIAMANTINA-MG (autor(es/as): RAHYAN DE CARVALHO ALVES)**

**ARELAÇÃO SER HUMANO/NATUREZA – REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO. (autor(es/as): ROSANA BARROSO MIRANDA).**

### MR4.3. Territórios, Memórias e Identidades latino-americanas

As ciências humanas e em especial as sociais desenvolveram no século XX teorias e metodologias para compreender e explicar como se elaboraram concepções de territórios, memórias e identidades, sobretudo na produção intelectual latino-americana. Atualmente, os estudos de caráter socioambiental contribuem sobremaneira com esses avanços, especialmente se forem considerados os aportes da antropologia, da geografia cultural, da história, da psicologia social e da sociologia. Além de localizar esses avanços, é fundamental trazer para o debate os resultados das pesquisas realizadas com esses múltiplos enfoques entre as dimensões da natureza e da sociedade

Coordenação: Salete Kozel – Universidade Federal do Paraná - (UFPR – BRASIL)  
Maria Geralda de Almeida: Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade de Goiás - (IESA/UFG – BRASIL)  
Álvaro Luiz Heidrich: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – (UFRGS – BRASIL)  
Sandra Valeska Fernandez Castillo: Universidad de Concepción - (CHILE)  
Alicia M. Lindon Villoria: Universidad Autónoma Metropolitana - (UAM – MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

## 4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

“OUTROS” IMAGINADOS: AS REPRESENTAÇÕES DOS CIDADÃOS LATINO-AMERICANOS SOBRE AS CIDADES PRÓXIMAS E DISTANTES (autor(es/as): **Carla Beatriz Santos Menegaz**)

100 Anos de História: Alguns Elementos Formadores da Identidade Cultural do Território do Contestado (autor(es/as): **FLAVIA ALBERTINA PACHECO LEDUR**)

Guimarães Rosa no labirinto chamado América Latina (autor(es/as): **iolanda cristina dos santos**)

Los lugares de Memoria como lugares de Aprendizaje, tres estudios de caso: Santiago de Chile y Medellín-Colombia” (autor(es/as): **Karen Andrea Vásquez Puerta**)

A FESTA KALUNGA DE NOSSA SENHORA DE APARECIDA: IDENTIDADE TERRITORIAL E REAPROXIMAÇÃO ÉTNICA ( autor(es/as): **Luana Nunes Martins de Lima**)

REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS E SIMBÓLICAS: AS IDENTIDADES DAS FESTAS DO BOI-A-SERRA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO (autor(es/as): **Maisa França Teixeira**)

A construção do Patrimônio Cultural a partir do imaginário da população de Marechal Cândido Rondon - PR: um estudo sobre o lugar de memória Casa Gasa (autor(es/as): **Paulo Henrique Heitor Polon**)

A INFLUÊNCIA DO TURISMO NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL: O CASO DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO (autor(es/as): **Saulo Ribeiro dos Santos**)

IDENTIDADE E FÉ NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DE SERGIPE (autor(es/as): **Solimar Guindo Messi as Bonjardim**)

### MR4.4. Espaço, gênero e sexualidades na América Latina

#### EMENTA

A mesa redonda tem como objetivo realizar uma reflexão sobre as relações de gênero que envolvem o processo de organização social, econômica e cultural dos territórios da América Latina, evidenciando as hierarquias e desigualdades baseadas nos papéis sociais insituídos para homens e mulheres.

Coordenadora: Joseli Maria Silva - Universidade Estadual de Ponta Grossa – (UEPG - BRASIL)

Marlene Tamanini: Universidade Federal do Paraná – (UFPR - BRASIL)

Diana Lan: Universidad Nacional del Centro – (UNC - ARGENTINA)

Maria das Graças Silva Nascimento Silva: Universidade Federal de Rondônia – (UFR – BRASIL)

#### RESUMOS APROVADOS

A MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES E A CULTURA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS (autor(es/as): **ALEXANDRA PINGRET**)

PELOTÓN MARIANA GRAJALES: O OLHAR DA REVISTA MUJERES NO ANO DE 1971 (autor(es/as): **Andréa Mazurok Schactae**)

NA ARGENTINA TANGOS, NO BRASIL TRAGÉDIAS! LÁ MATRIMONIO IGUALITÁRIO, AQUI UNIÃO CIVIL (autor(es/as): **CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES**)

ECONOMIA SOLIDÁRIA, RELAÇÕES DE GÊNERO E COLETADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL: LIMITES E AVANÇOS (autor(es/as): **Edinara Terezinha de Andrade**)

As mulheres do tráfico e a violência de gênero (autor(es/as): **Fernanda Pereira Luz**)

ARTICULAÇÕES EM REDE NA AMÉRICA LATINA: O CASO DE CDDLA E “CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR” NO BRASIL (autor(es/as): **Francine Magalhães Brites**)

OS SUJEITOS NA MARGEM DA CULTURA - CONFLITOS NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS LATINO AMERICANOS (autor(es/as): **Gustavo Luiz Ferreira Santos**)

Habilidades Sociais e Sexualidade: A construção Identitária na Adolescência (autor(es/as): **Priscilla de Castro Campos Leitner**)

AS UNIÕES HOMOAFETIVAS CONFORME O BLOCO DE CONSTITUCIONALIDADE E UMA PROTEÇÃO NORMATIVA GLOBAL: GARANTINDO DIREITOS HUMANOS (autor(es/as): **Rafael da Silva Santiago**)

POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE LGBT NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ: UMA REFLEXÃO SOBRE SUAS APLICABILIDADES NO CONTEXTO DA EJA E PROEJA (autor(es/as): **Reinaldo Kovalski de Araujo**)

O MEDO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DA PERIFERIA DE DIFERENTES ÁREAS URBANAS DE PONTA GROSSA, PR (autor(es/as): **RENATO PEREIRA**)

### MR4.5. Sociedades Tradicionais: imagens, tempo, espaço e saberes sobre a natureza

#### EMENTA

Em sua interação com a natureza, com distintas conformações, as chamadas “sociedades tradicionais” ou as sociedades originárias, constroem, historicamente, em seu universo mental, imaginário e práticas ecoprodutivas, uma cultura própria que envolve o conhecimento e respeito aos ciclos e movimentos naturais, atribuindo significado à sua vida material e imaterial – aos espaços ou territórios de que fazem parte. Isso envolve ritmos de tempo diferenciados dos ritmos caracteristicamente produtivistas que regem as sociedades urbano-industriais, os quais se pautam, fundamentalmente, numa temporalidade cronometrada e aritmetizada – no tempo da fábrica. Contrapor essas diferentes culturas, em sua lógica própria, focalizando, particularmente, as imagens, ritmos temporais, territorialidades e saberes patrimoniais das “sociedades tradicionais” e/ou originárias, significa pensarmos numa política de futuro na qual se inscreva o grande legado que tais sociedades detêm no trato com a natureza, com base em sua cosmovisão, práticas e expressões culturais próprias, para a construção de novas formas societárias, numa síntese histórica, de futuros inéditos.

Coordenadora: Lúcia Helena de Oliveira Cunha: Universidade Federal do Paraná (UFPR – BRASIL)

Carlos Galano: Universidad Nacional de Rosario - (UNR- ARGENTINA)

Carlos Walter Porto Gonçalves: Universidade Estadual do Rio de Janeiro - (UERJ- BRASIL)

Liliana Porto: Universidade Federal do Paraná - (UFPR-BRASIL)

Arturo Argueta: Universidad Nacional Autónoma de México - (UNAM-MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

## RESUMOS APROVADOS

### MULTICULTURALISMO, TURISMO E COMUNIDADES TRADICIONAIS: CAMPOS DE COEXISTÊNCIA E VIVENCIALIDADE? (autor(es/as): **Isabel Jurema Grimm**)

Seringueiros do Acre - Imaginário e Paisagem Cultural (autor(es/as): Janaína Mourão Freire).

AS PAISAGENS CULTURAIS DO/NO ESPAÇO FESTIVO DA COMUNIDADE ENGENHO II EM CAVALCANTE – GOIÁS: UM OLHAR À LUZ DA GEOGRAFIA CULTURAL (autor(es/as): **JORGEANNY DE FATIMA RODRIGUES MOREIRA**)  
RECONHECIMENTO DAS ICCAS (ÁREAS CONSERVADAS POR COMUNIDADES INDÍGENAS E LOCAIS) NAS POLÍTICAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: DISCUSSÕES ATUAIS. (autor(es/as): **Luciene Cristina Risso**)

### MR4.6. História e Literatura na América Latina

#### EMENTA

Na produção historiográfica recente, a literatura vem surgindo como uma fonte que oferece importantes recursos de análise da sociedade. Incorporada solidamente no conjunto de inovações de fontes, métodos e problemáticas que há algumas décadas transformaram a experiência da pesquisa histórica, a literatura está presente hoje numa pluralidade de estudos que pretendem compreender o intrincado universo das experiências mais subjetivas de homens e mulheres. Na América Latina a literatura tem ocupado importante papel no movimento da sociedade. Seja ela abordada desde o ponto de vista da materialidade do livro, da localização social do escritor, de suas “redes de interlocução”, bem como numa análise dos significados do texto, das representações da realidade que ele traz. Pensar a América Latina desde o ponto de vista dessa relação é a reflexão central que norteia o debate aqui proposto

Coordenadora: Ana Amélia de Moura C. de Melo: Universidade Federal do Ceará (UFC - BRASIL)

Tracy Devine Guzman: Duke University of Miami – (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA)

Soledad Falabella Luco: Universidad Diego Portales – (UDP - CHILE)

Adelaide Maria Gonçalves Pereira: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

Ivone Cordeiro Barbosa: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

## RESUMOS APROVADOS

Cartas de Nova York - José Martí Correspondente (autor(es/as): **Amanda Leite de Sampaio**)

O TURISTA APRENDIZ, DE MÁRIO DE ANDRADE VERSUS EL ZORRO DE ARRIBA Y EL ZORRO DE ABAJO, DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS – UMA APROXIMAÇÃO LITERÁRIA E SOCIOLÓGICA NO PANORAMA LATINO AMERICANO (autor(es/as): **CRISTIANO MELLO DE OLIVEIRA**)

O espaço da ficção na identidade em invenção e memória, de Lygia Fagundes Telles (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Jorge Luis Borges e o Populismo Argentino (1946-1955) (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Bahia 1860: o Brasil de Maximiliano (autor(es/as): **Flávia Silvestre Oliveira**)

OS INTELLECTUAIS E A NOVA ATENAS: Um estudo das representações nas obras dos literatos maranhenses no início da Primeira República (autor(es/as): **PATRICIA RAQUEL LOBATO DURANS**)

### MR4.7. - Interculturalidade, Identidades e Arte Latinoamericana.

#### EMENTA

A mesa propõe-se a discutir as questões anunciadas, do ponto de vista da crítica de arte e dos artistas, aqui representados por Hector Guido (teatro) e Pavel Egúez (artes plásticas). A partir do enfoque das políticas de subjetivação e suas interfaces (Suely Rolnik) e da interculturalidade que se acentua na resistência da arte em tempos globais, observada, sobretudo, nas zonas transitórias (Ticio Escobar), quer desencadear o debate sobre os recursos críticos e expressivos que se manifestam na arte atual da nossa América, frente ao “esteticismo brando” regido pelos mercados globais, que desvia o capital simbólico e gera territórios homogeneizados

Coordenadora: Mariza Bertoli – Universidade de São Paulo – (USP – BRASIL)

Maria José Justino: Escola de Música e Belas Artes do Paraná - (EMBAP-PR - BRASIL)

Ticio Escobar: Ministro da Cultura do Paraguai - (PARAGUAY)

Hector Guido: Diretor de Cultura de Montevideú - (URUGUAI)

Gustavo Pavel Egúez: Artista Plástico - (EQUADOR)

## RESUMOS APROVADOS

Entre balas e belas - Comunicação e Moda nas favelas cariocas (autor(es/as): **Alexandra Santo Anastacio**)

PAISAGENS CULTURAIS E FRONTEIRAS (autor(es/as): **Beatriz Helena Furlanetto**)

INDÍGENAS: ENTRE REPRESENTAÇÕES E DISCURSOS (autor(es/as): **Eder Augusto Gurski**)

DE LA CULTURA ORAL A LA DIGITAL: SABERES, MEMORIAS Y NARRATIVAS EN LA TRANSCULTURA. PERSPECTIVAS DESDE LA UNIVERSIDAD INDÍGENA DE VENEZUELA (autor(es/as): **Fabiana Anciutti Orreda**)

O ATOR E O GRUPO: DISCURSOS SOBRE O TEATRO FEITO NA UNIVERSIDADE (autor(es/as): **JEAN CARLOS GONÇALVES**)

FESTAS POPULARES E SUAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS: LUGAR DE PROMOÇÃO DO PERTENCIMENTO E VALORIZAÇÃO DAS CULTURAS SUBALTERNAS. (autor(es/as): **Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama**)

ASPECTOS DA ECONOMIA CRIATIVA NO MERCOSUL A Indústria Fonográfica como fator de aproximação entre Brasil e Argentina (2003 – 2011) (autor(es/as): **marcello de souza Freitas**)

SUSTENTABILIDADE CULTURAL: MANUTENÇÃO, CONSERVAÇÃO E DIFUSÃO DE PEQUENOS ACERVOS - RELATO DE EXPERIÊNCIA

(autor(es/as): **Rafael Schultz Myczkowski**)

FALA JUVENTUDE! UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDE, CULTURA E LAZER (autor(es/as): Sandra Rangel de Souza)

O Autorretrato Ampliado (autor(es/as): **Terezinha Pacheco dos Santos Lima**)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil



## MULTICULTURALISMO, TURISMO E COMUNIDADES TRADICIONAIS: CAMPOS DE COEXISTÊNCIA E VIVENCIALIDADE?

### RESUMO

Este artigo emerge do questionamento de que diante das vulnerabilidades socioambientais, o turismo de base comunitária pode ser considerado como estratégia de reconhecimento de multiculturalidade e conservação de modos de vida tradicionais? Objetivo é demonstrar importância do reconhecimento da multiculturalidade, de forma especial nas comunidades tradicionais, ocasião que estas são reconhecidas, sob a perspectiva do turismo de base comunitária, como modos de vida mais sustentáveis. Metodologicamente se valeu de pesquisa bibliográfica sobre multiculturalismo e turismo de base comunitária, de reflexões e resultados de oficinas ministradas com a comunidade e de entrevistas realizadas junto aos turistas que visitaram as comunidades da Microbacia Hidrográfica do Rio Sagrado, Morretes (PR). Como resultado, aponta-se que o turismo de base comunitária, a partir de campo de coexistência de modos de vidas distintos – perspectiva do multiculturalismo - pode contribuir por meio da vivencialidade, esforço de alteridades entre culturas para sustentabilidade de populações tradicionais e de tomada de consciência para populações urbanas quanto à própria questão da sustentabilidade do desenvolvimento.

Isabel Jurema Grimm – Doutoranda em Meio Ambiente e Desenvolvimento (MADE - UFPR). Pesquisadora CNPq. Atua nas linhas de pesquisa de desenvolvimento territorial sustentável, ecossocioeconomia das organizações, história ambiental, planejamento urbano e sustentabilidade. Últimas publicações: educação ambiental, indicadores socioambientais e políticas públicas do turismo.

Carlos Alberto Cioce Sampaio – Professor do Departamento de Turismo e do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento / UFPR. Pesquisador / CNPq. Membro da Comissão de Área em Ciências Ambientais / CAPES. Áreas de Interesse coincidem com os temas das últimas publicações: Ecossocioeconomia; Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Territorial Sustentável; Turismo Comunitário.

**Palavras-chave:** Multiculturalismo, turismo comunitário, comunidades tradicionais.

### INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea atravessa uma crise sem precedentes no setor econômico, na área social com reflexos no meio-ambiente, constatado pelo consumo exagerado, pelo crescimento das desigualdades, pela destruição e uso inadequado dos recursos naturais dos quais decorrem significativas mudanças climáticas. A ideia iluminista de progresso infinito conjugado à ciência moderna, ao uso da técnica e ao capital motiva a crise atual. Essa crise de dimensão mundial atinge todos os setores da



sociedade, envolvendo a comunidade na tentativa de criar estratégias e ações para superar a própria modernidade.

Diante da crise e de seu projeto “universalista” que se mostrou falho e inadequado, surgem inúmeras reivindicações de diferentes povos e culturas, na busca pela igualdade, com respeito às alteridades em superação ao monoculturalismo ocidental. A diversidade cultural na discussão contemporânea faz surgir novas racionalidades através de movimentos sociais que buscam denunciar desigualdades e a exclusão de grupos minoritários não baseados em políticas de reconhecimento, com tendência a assimilar a universalização das culturas, mas no reconhecimento das diferenças, na compreensão dos elementos formadores da identidade nacional, com respeito às formas de vida das comunidades tradicionais.

O reconhecimento dessa diversidade, alteridades não apenas como um dado de realidade ou como coexistência inercial da diferença, mas como condição fundamental para pensar e agir em um mundo multidiverso que se deve repensar a existência de amplos setores social e ambientalmente vulneráveis, como as culturas autóctones originárias e, imensos contingentes humanos submetidos ao risco socioambiental (FLORIANI, 2012, p. 25).

É necessário, portanto resgatar a percepção (visão de mundo) das comunidades domésticas, do que elas podem promover, com seus próprios recursos e potencialidades (endogeneidade), transformando o território comunitário em um espaço de decisão e valorização de suas identidades com respeito ao ambiente. Está lançado assim, um dos princípios para se pensar a ecossocioeconomia e sua prática sob a denominação de turismo de base comunitária (TBC).

O turismo tem estado cada vez mais presente nas comunidades tradicionais não só como fonte alternativa de renda, mas também como instrumento de respeito e de convivência entre os diferentes. Para Sampaio (2005, p. 29) “O turismo comunitário é um divisor de águas”, pois, baseia-se na relação dialética entre visitantes e visitados oferecendo oportunidades de inserção nas comunidades receptoras, respeitando a cultura dos grupos que recebem e preservando o meio ambiente em que estas se encontram arraigadas. Sinalizam-se as bases de um novo desenvolvimento longe dos padrões de consumo de massa, regulando a oferta de bens e serviços e seus impactos ambientais.

O turismo comunitário não se limita apenas à observação ou ainda, a vivência com as comunidades tradicionais (autóctones), mas ao envolvimento do visitante com projetos de vida, com a natureza, com a outridade. Desponta como alternativa ao modelo de turismo convencional, priorizando a conservação de modos de vidas tradicionais e a



preservação da biodiversidade, num momento em que a sociedade globalizada atravessa uma crise ambiental sem precedentes.

Portanto, questiona-se: de que diante das vulnerabilidades socioambientais, o turismo de base comunitária pode ser considerado como estratégia de reconhecimento de multiculturalidade e conservação de modos de vida tradicionais? A partir deste norteamento este artigo tem como objetivo demonstrar importância do reconhecimento da multiculturalidade, de forma especial nas comunidades tradicionais, ocasião que estas são reconhecidas sob a perspectiva do turismo de base comunitária como modos de vida mais sustentáveis.

Metodologicamente definiram-se como referencial teórico o multiculturalismo e o turismo de base comunitária. Posteriormente a análise das entrevistas feitas aos turistas que visitaram as comunidades da Microbacia Hidrográfica do Rio Sagrado, e que participaram das experiências de Turismo de Base Comunitária, com a finalidade de conhecer suas percepções quanto aos aspectos culturais e naturais do local. A metodologia de oficina de “troca”, desenvolvida na comunidade, serviu para perceber o “sentimento” do morador em relação aos visitantes, bem como para identificar as oportunidades e dificuldades do turismo que vem acontece na comunidade.

O campo empírico é a Microbacia do Rio Sagrado, composta pelas comunidades do Rio Sagrado de Cima, Canhembora, Brejumirim e Candonga, parcialmente inserido na Área de Preservação Ambiental (APA) de Guaratuba e na Reserva da Biosfera de Floresta Atlântica (ReBIO) de Floresta Atlântica. No local concentra-se uma população de 520 famílias entre residentes e proprietários de chácaras. A área além de sustentar modos de vida tradicionais que sintetizam culturas indígenas, europeias e africanas possui expressiva biodiversidade.

As comunidades se constituem num pequeno povoado caracterizado como rural, com uma economia baseada na pequena produção agroindustrial da cana-de-açúcar, da mandioca e de frutas e verduras e são organizados pelos socioempreendimentos localizados na região. A banana abundante no local é importante matéria-prima para a produção de doces, balas, chips e para produção do artesanato feito com a fibra da bananeira. O turismo comunitário acontece na localidade na qual promove a vivencialidade entre população originária residente e visitante. Sendo de base comunitária, o turismo fomenta a relação social entre modos de vida distintos, resgatando e reconstruindo o interesse pelo Outro, pela alteridade, pelo autêntico.

Como principais resultados têm-se a identificação do perfil dos visitantes, a identificação dos benefícios para as comunidades locais que dependem de uma atividade



de baixo impacto (número controlado de turistas) para diversificar sua economia, preservar o meio ambiente e divulgar sua cultura. Outro resultado foi a confecção de um mapa turístico feito pela comunidade a partir de suas percepções, que contribuiu na localização e acesso dos visitantes à comunidade amenizando a falta de placas de sinalização dos pontos de interesse turístico.

## **1 CULTURA: A VIVENCIA SOCIAL**

Desde o século passado existem preocupações sistemáticas em estudar as culturas humanas. As inquietações com a cultura se voltaram tanto para a compreensão das sociedades modernas e industriais quanto das que iam desaparecendo ou perdendo suas características originais (...) (SANTOS, 1996, p.19). Isto demonstra a importância não só em definir o que é a cultura, mas da sua importância para a memória de um povo, de uma nação.

Debates, pesquisas e políticas que envolvam a cultura têm sido vistos em todo o mundo nas últimas quatro décadas. Entretanto, o conceito de cultura é extremamente polissêmico, isto é, dependendo da abordagem, possui um significado diverso. Compreender a noção de cultura, entretanto, é base para se compreender a educação, história, a antropologia, a sociologia, enfim, as ciências sociais em geral (FOERST, 2010, p. 11). Para Knechtel (2005, p. 32) a leitura da cultura é um “todo antropológico” que comporta a construção histórica, social e geográfica dos grupos e suas diferenças. Para a historicidade, a cultura representa um movimento em contínuo desenvolvimento das diferenças. A sociologia aborda o conceito de uma forma mais ampla, incluindo tudo o que pode caracterizar um determinado grupo.

Portanto, a cultura é uma matéria em debate que traduz preocupações contemporâneas sobre o tema. Por meio da cultura é possível entender muitos dos caminhos que conduziram grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro. Ao longo dos registros históricos percebem-se as transformações que passam as culturas sejam por contato ou conflitos com outras.

Segundo Santos (1996, p. 28) há duas concepções básicas de cultura a primeira nos remete a todos os aspectos de uma realidade social; a segunda refere-se mais especificamente ao conhecimento, as ideias e crenças de um povo. Como afirma o autor a cultura diz respeito aos aspectos que caracterizam a existência social de um povo ou mesmo grupos dentro de uma sociedade, como organizam sua vida social e seus aspectos materiais. Remete-nos ao conhecimento, às ideias e crenças e como elas



existem na vida social. Para a Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento da UNESCO (1996, p.01).

“Cultura é maneira de viver juntos... ela molda nosso pensamento, nossa imagem e nosso comportamento”. A cultura engloba valores, percepções, imagens, formas de expressão e de comunicação e inúmeros outros aspectos que definem a identidade das pessoas e das nações (UNESCO, 1996, p.01).

Orientada pelas concepções expostas por Santos (1996, p.41) a totalidade das características de uma realidade social dizem respeito ao conhecimento que a sociedade, povo, nação ou grupo social tem da realidade e a maneira como os expressam. Assim a cultura pode ser vista como uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade que está em constante transformação. Nada do que é cultural pode ser estanque, porque a ela faz parte de uma realidade onde a mudança é um aspecto fundamental.

Se pensarmos apenas em relação à constituição do mundo moderno, por exemplo, podemos afirmar que, a partir do século XVI, o conceito de cultura passou a relacionar-se estreitamente com o conceito de civilização. Inicialmente, o conceito de civilização dizia respeito apenas ou ao homem educado e polido, ou à ordem social. Com o tempo, civilização passou a relacionar-se ao desenvolvimento econômico ocidental ligado ao progresso industrial e técnico. Assim tornou-se comum aproximar os conceitos de civilização e cultura ao exprimir aspectos do desenvolvimento material da sociedade moderna, (...) (FOERST, 2010, p.11).

Porém, a noção de cultura anteriormente ligada à ideia de civilização ampliou-se e passou a conceber a pluralidade dos grupos sociais de forma globalizada, onde de acordo com Floriani (2010, p. 09) “(...) a dimensão cultural essencial da globalização é o papel das pessoas (...)” que participam da construção dos territórios. Neste contexto, tem-se como exemplo as comunidades tradicionais, ou seja, grupos sociais que mantêm sua forma de organização espacial, modos de produção e manifestações culturais muito arraigadas na tradição que os distingue e lhes garante identidades reconhecidas por outros grupos.

Em uma época globalizada nos relacionamos com muitas sociedades, podendo situar nossa fantasia em múltiplos cenários ao mesmo tempo. Com a expansão global dos imaginários, incorporamos a cultura dos outros que até poucas décadas, sentíamos estranhas à nossa existência.

O global se modula nas fronteiras, na multiculturalidade das cidades na segmentação de públicos midiáticos. As cidades contemporâneas induzem a sociabilidade híbrida que nos leva a participar de forma intermitente de grupos cultos e



populares, tradicionais e modernos, em meio a cruzamentos e intercâmbios. A globalização é o resultado de movimentos múltiplos e abertos, em parte contraditórios com vários modos possíveis de desenvolvimento, que implicam diversas conexões local-global e global-local (FLORIANI, 2010, p. 09).

Nesse contraponto de posições, emerge a necessidade de se olhar a cultura em perspectiva mais aberta, tendo como base a própria dinâmica da globalização, a qual, em sua estrutura produtiva, desencadeia o desenraizamento das populações, que levam consigo sua cultura para outros territórios e lugares e, com isso, surgem os conflitos socioculturais. Sob essa ótica, a cultura não pode mais ser visualizada como um legado ou uma tradição fixa, intocável, petrificada – mas como uma ambientação integrativa de pessoas e grupos humanos que, ao invés de manter fronteiras, reforça a coexistência de modos de vida e leituras de mundo (MORALES *et al.*, 2010, p. 32).

Por fim, a diversidade cultural apresenta um duplo desafio: assegurar a coexistência harmoniosa entre indivíduos e grupos de culturas diferentes enquanto defende-se a criatividade através de inúmeras expressões culturais de todos os países, estas denominadas como "criação contemporânea" e "patrimônio cultural". (UNESCO, 1996, p.01).

## **2 MULTICULTURALISMO: CAMPO DE COEXISTENCIA DE RACIONALIDADES**

Uma perspectiva multicultural permite o reconhecimento da existência de sistemas de saberes plurais, alternativos à ciência moderna. Autores que perfilham esta crítica têm vindo a lutar por uma maior abertura epistêmica, no sentido de tornar visíveis campos de saber que o privilégio epistemológico da ciência tendeu a neutralizar, e mesmo ocultar, ao longo de séculos (SOUZA SANTOS *et al*, 2005.p. 22). Nesse contraponto de posições, emerge a necessidade de se olhar a cultura em perspectiva mais aberta, tendo como base a própria dinâmica da globalização, a qual, em sua estrutura produtiva, desencadeia o desenraizamento das populações, que levam consigo sua cultura para outros territórios e lugares e, com isso, surgem os conflitos socioculturais. Sob essa ótica, a cultura não pode mais ser visualizada como um legado ou uma tradição fixa, intocável, petrificada mas, como uma ambientação integrativa de pessoas e grupos humanos que, ao invés de manter fronteiras, reforça a coexistência de modos de vida e leituras de mundo (MORALES *et al* , 2010,p. 32).

A noção de multiculturalismo das racionalidades culturais hegemônicas visa isolar determinados grupos étnicos, para melhor dominá-los, quem não se submeter será



massacrado. Para Souza Lima *et al* (2012, p.20 - 23) as referidas racionalidades hegemônicas não foram suficientes para conter novos estudos sobre o tema, não conseguiram frear outras racionalidades culturais, fazendo emergir novos tipos de multiculturalismo. Uma das expressões das racionalidades culturais não hegemônicas é o antirracismo: a noção de superioridade e inferioridade cultural - há culturas diversas compartilhando o mesmo espaço territorial.

O multiculturalismo crítico (também chamado de revolucionário, ou emancipatório, ou contra-hegemônico), o qual tendo por base a política cultural da diferença, questiona o monoculturalismo, evidencia as contradições socioculturais trazendo à tona as diferenças e as ausências de muitas vozes que foram caladas pelas metanarrativas da modernidade. Contribuindo Souza Lima *et al* (2012, p. 20 - 23) argumentam que na perspectiva epistemológica, o multiculturalismo crítico poderá propiciar novas condições de produção de conhecimento focando na insatisfação das culturas marginalizadas pelas racionalidades culturais hegemônicas.

Ao rejeitar todo o preconceito ou hierarquia, este multiculturalismo baseia-se no respeito ao ponto de vista, às interpretações e atitudes do Outro, constituindo-se numa fonte de possibilidades de transformação e de criação cultural. Sendo assim, evidenciamos um entendimento dinâmico de cultura, a qual deixa de ser um conjunto de características rígidas transmitidas de geração em geração, e passa a ser uma elaboração coletiva que resurge a partir de denominadores interculturais.

O multiculturalismo como campo de coexistência das racionalidades culturais (SOUZA LIMA *et al*, 2012, p. 18), se constitui como movimento teórico e como prática social que contesta preconceitos e discriminações a indivíduos, grupos e comunidades tradicionais, historicamente submetidos a processos de rejeição ou silenciamento por sua condição de pertencimento identitário, distinto dos padrões hegemônicos definidos como válidos e aceitáveis, seja na escala local ou globalmente. Hoje os transportes e comunicações permitem acesso fácil a territórios antes impeditivamente distanciados. Culturas antes isoladas começam a ser alteradas em função do rompimento de barreiras. As fronteiras entre culturas tornam-se cada vez mais tênues, o que evidencia a existência daquilo que passou a ser conhecido como multiculturalismo. “O multiculturalismo refere-se ao fato de várias culturas encontrarem-se no mesmo espaço e tempo” (SOUZA LIMA *et al*, 2012, p. 19).

Gersem Luciano Baniw<sup>i</sup> - liderança indígena Baniwa – conclui que os discursos multiculturais ou pluriculturais da modernidade estimularam possibilidades de convivência democrática e respeitosa entre as diferentes culturas e sociedades apenas quando



alcançaram um nível mínimo de tolerância no respeito ao outro desde que este outro não contrarie os padrões e modos de vida da maioria. Porém ainda não se avançou quase nada no tocante a uma efetiva convivência igualitária, democrática, de respeito e valorização do “Outro”.

Para Souza Lima *et al* (2012, p. 19- 23) o argumento central é o de que pensar e viver no mundo atual passa pelo reconhecimento da pluralidade e diversidade de sujeitos e de culturas com base no respeito e tolerância recíproca, concebendo as diferenças culturais não como sinônimo de inferioridade ou desigualdade, mas equivalente a plural e diverso. A multiculturalidade ocorre na interação entre os sujeitos, reconhecendo que há conflitos no contato entre sistemas culturais distintos, o que traz a necessidade de aprendizagem, cooperação e intercâmbio com respeito ao saber tradicional (local).

A dicotomia saber moderno/saber tradicional assenta-se na ideia de que o conhecimento tradicional é prático, coletivo, fortemente implantado no local, refletindo experiências exóticas. Mas, para a epistemologia crítica, todo o conhecimento é situado. É mais correto comparar todos os conhecimentos (incluindo o científico) em função das suas capacidades para a realização de determinadas tarefas em contextos sociais delineados por lógicas particulares (SOUZA SANTOS *et al*, 2005.p.36). Os autores procuram demonstrar que a atual reorganização global da economia capitalista assenta-se na produção contínua e persistente de uma a diferença epistemológica, que não reconhece a existência, em pé de igualdade, de outros saberes, e que por isso se constitui, de fato, em hierarquia epistemológica.

A condição pós-moderna avivou os questionamentos sobre as alteridades, colocou o Outro como alguém que, mesmo vivendo de forma diferente, pode/deve ser reconhecido como "nós". Se o diálogo franca/autêntica com o Outro ainda não se tornou realidade, então se torna mais urgente ainda à necessidade dos espaços de vivencialidade como possibilidade, afinal, a efetivação dos diálogos envolve uma negociação muito complexa.

O multiculturalismo emancipatório parte do reconhecimento da presença de uma pluralidade de conhecimentos e de concepções distintas sobre a dignidade humana e sobre o mundo. O desafio é, pois, de luta contra uma monocultura do saber, não apenas na teoria, mas como uma prática constante do processo de estudo, de pesquisa-ação. O futuro encontra-se na encruzilhada dos saberes e das tecnologias (SOUZA SANTOS *et al*, 2005, p.36).

O cenário histórico do mundo atual, como colocado por Souza Santos *et al*, (2005, p.46) bem como o multiculturalismo em suas origens, significados e concepções teóricas devem levar em conta, como forma de evidenciar o sentido político cultural de se educar



as atuais e as novas gerações a partir da visão multicultural crítica, a necessidade e importância de se reconhecer, valorizar e acolher identidades plurais sem representar ameaças ou quaisquer formas de naturalização do preconceito e desrespeito à vida humana.

Aprender a conviver diz respeito, portanto, à habilidade pessoal de permitir a aproximação e não o afastamento do Outro, através do interesse, da escuta, do diálogo, da empatia por formas alternativas de vida, tendo sempre por base que o envolvimento com a diferença tornou-se um pré-requisito da vida democrática na globalização pós-moderna. Realça-se o multiculturalismo como campo de coexistência das racionalidades culturais como forma de compreender que existem outras experiências, além-cultura dominante, que podem trazer contribuições significativas para as discussões acerca da relação sociedade e natureza.

Da mesma forma, há a necessidade de se criarem propostas ou programas educacionais, abertos ao multiculturalismo, que incorporarem uma depuração histórica dos mitos das culturas superiores, desenvolvendo uma concepção justa das culturas de pertencimento e das experiências dos sujeitos de modo a superarem-se confrontos, contradições e exclusões. Neste sentido a Perspectiva pedagógica deve desenvolver valores a partir dos saberes locais, tradicionais e científicos, de modo que as diversidades ecológicas e culturais constituam princípios norteadores de gestão da realidade ambiente de um lugar ou região (LEFF, 2002, p. 123).

O importante para a sociedade é aprender e usar a diversidade como vantagem de para todos os seres humanos, onde a diversidade tem vindo a crescer por várias décadas e é a tendência contemporânea. Portanto, como coloca Souza Santos *et al* (2005.p.46) optar por uma nova concepção mais vasta e profunda dos saberes, dar prioridade à participação comunitária em termos de produção de conhecimento, em lugar de concebê-la como alvo de projetos produzidos externamente é o caminho para que possam manifestar numa vontade autêntica de envolvimento.

### **3 DESDOBRAMENTO ECOSSOCIOECONOMICO: TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA (TBC).**

À medida que o modelo de desenvolvimento socioeconômico predominante do século XX apresenta sinais de inconsistência em função da lógica de exploração dos recursos naturais e o consumo de bens, surgem debates em defesa de alternativas de



mudança de paradigmas econômicos, sociais, políticos e ambientais que possam dar conta da crise atual.

A apropriação da natureza e a transformação do espaço tornaram-se pauta de inúmeras discussões nos últimos tempos, onde encontrar a medida de valor de mercado para o meio ambiente, suas coisas e seres é o objeto próprio da economia em um mundo capitalista. Realidades inseparáveis, natureza e mercado vêm se convertendo em área de interesse interdisciplinar com estudos sobre o desenvolvimento sustentável, cujo consenso em seu conceito ainda não existe. Tal reflexão passa a ser considerada também por teóricos e planejadores de diversas áreas do conhecimento, cuja atividade usa e se apropria da natureza, transformando-a em um bem de consumo valorado. Assim, o dilema de encontrar as medidas de valoração de bens e serviços ambientais seja, no planejamento, ou nas medidas de mitigação ou reparação dos impactos sociais e ambientais deixa de ser problema de mera solução econômica para se converter em um desafio da sociedade atual.

Diante das mudanças paradigmáticas vividas hoje surgem novas tecnologias ecossocioeconômicas no auxílio à preservação socioambiental e as formas de vida mais simples. A ecossocioeconomia ocorre no mundo da vida, nos territórios, nas comunidades, nos povoados, nas organizações, onde os problemas e as soluções acontecem e raramente são devidamente qualificados (SAMPAIO, 2005, p.16).

A partir de uma análise qualificada no campo teórico e empírico, surgem cinco desdobramentos da ecossocioeconomia das organizações. Eles podem ser sintetizados a partir das denominações Agenda 21 Local, Turismo Comunitário, Responsabilidade Social Empresarial (RSE), Economia de Comunhão (EdC) e Economia Solidária (ES), Tecnologias Apropriadas e Gestão de Unidades de Conservação Ambiental (SAMPAIO, 2010, p.7). Contudo estas classificações não são estanques, mesmo porque muitas delas se mesclam. É uma questão de ênfase, portanto não são excludentes. Diante da mudança paradigmática que se vive atualmente, sobretudo provocada pelos desafios impostos pelo aquecimento global à sociedade, novas tecnologias ecossocioeconômicas acabam surgindo.

O Turismo Comunitário representa o segundo desdobramento da ecossocioeconomia. Embora tenha como eixo norteador integrar vivências, serviços de hospedagem e de alimentação, o que a *priori* não o diferencia das três modalidades de turismo com as quais poderia ser confundido - turismo cultural ou etnoturismo (incluindo o turismo indígena), ecoturismo e agroturismo -, possui uma característica peculiar que é a de entender a atividade turística como um subsistema interconectado a outros



subsistemas, como por exemplo, educação, saúde e meio ambiente (SAMPAIO, 2010, p.15).

Neste artigo a abordagem é direcionada ao turismo de base comunitária (TBC), tendo como análise empírica o território localizado ao Sudoeste da Microbacia do Rio Sagrado em Morretes no Paraná.

### **3.1 O Turismo de Base Comunitária: espaço de vivencialidade.**

Turismo de Base Comunitária (TBC) ou Turismo Comunitário é adotado por pesquisadores interessados pelo desenvolvimento desta atividade, como forma de demonstrar o protagonismo das comunidades na promoção de alternativas socioeconômicas, que possam contribuir para a melhoria das condições de vida local. Neste sentido, o TBC tem como desafio aumentar a autoestima das comunidades autóctones identificadas muitas vezes como comunidades tradicionais, para que possam perceber seus modos de vida, mesmo quando estes se encontram distanciados do padrão de consumo próprios do modo de vida tipicamente urbano.

Por comunitário (MALDONADO, 2005, p.74) caracteriza um sujeito coletivo, com direitos e obrigações, constituídos com base na adesão voluntária de seus membros (indivíduos ou famílias), com ou sem sustento institucional no direito consuetudinário ou de viver em uma territorialidade comum. Para (SAMPAIO, 2005, p. 113) o turismo comunitário é:

(...) uma estratégia de comunicação social que possibilita que experiências de planejamento para o desenvolvimento de base comunitária em curso, na qual a população autóctone se torna a principal protagonista, resgatando ou conservando seus modos de vida que lhes são próprios, possam ser vivenciadas através da atividade turística (SAMPAIO, 2005, p.113).

São muitas as vantagens para os adeptos desta nova modalidade de turismo, onde a interação com novas formas de vida diferentes da sua, mais simples favorecem o que pode ser chamado de experiências autênticas.

Na contribuição de Sampaio & Coriolano (2009, p. 15) o turismo comunitário é aquele desenvolvido pelos próprios moradores de um lugar que passaram a ser os articuladores da cadeia produtiva, onde a renda e o lucro ficam na comunidade e contribuem para melhorar a qualidade de vida. Portanto, a promoção do turismo comunitário abre espaço para as comunidades, que são levadas à transformação em núcleos receptores do turismo, buscando no mesmo, ferramentas para o desenvolvimento



local, além de se autobeneficiarem com a produção de produtos e prestação de serviços. Aderem ao associativismo por meio de cooperativas e outras modalidades de organizações comunitárias.

A atividade surge num momento em que a demanda se apresenta cada vez mais ávida por novas experiências, buscando na vivencialidade a experiência de sua viagem. Este novo turista seleciona mais e melhor seus destinos e a forma de viajar, valorizam os aspectos espirituais e ecológicos da viagem; buscam o real e o natural nos destinos, não o meio alterado; tem mais tempo livre e são mais flexíveis; as atividades turísticas formam parte das necessidades fundamentais e da qualidade de vida; dedicam mais tempo as atividades turísticas; são mais jovens e ao mesmo tempo a expectativa e qualidade de vida fazem com que se amplie o segmento da população da terceira idade; para eles as férias são menos planejadas; procuram independência fazendo um tipo de viagem distinto do modelo praticado pelas massas, planejando e organizando suas viagens e atividades turísticas (GRIMM & SAMPAIO, 2011, p. 16).

Conhecer o tipo de turista é fundamental para planejar um novo produto turístico, portanto, a segmentação de mercado pode ser vista como uma forma de classificação do consumidor sob a perspectiva mercadológica o que facilita sua comercialização e garante o direcionamento dos esforços de venda e retorno do investimento. Assim demandas potenciais que tenham necessidades e desejos, percepções de valores ou comportamentos de compra semelhantes podem ser alcançados tornando-se futuros turistas, levando em conta, essencialmente, pessoas que tratam o turismo como um fenômeno humano, e não como uma atividade exclusivamente econômica.

O turismo comunitário é norteador de integração de atividades econômicas em vivência, serviços de hospedagem e de alimentação, o que a priori não o diferencia dos demais segmentos de turismo. A diferença está no entendimento da atividade turística como subsistema interconectado com outros subsistemas, educação, saúde e meio ambiente.

Uma das principais características do turismo de base comunitária é a contraposição ao modelo capitalista excludente, pois possibilita a participação da comunidade organizada na tomada de decisões, planejamento e execução da atividade turística. Para uma sociedade igualitária precisamos de uma economia solidária não competitiva (SINGER, 2002, p.98), assim as comunidades podem usufruir dos benefícios em busca da inclusão socioeconômica.

No intuito de apontar uma forma cooperada de negócio surge o conceito de arranjo socioprodutivo de base comunitária (APLs) abordada por Sampaio desde 2004. Para o



autor arranjos socioprodutivo e políticos de base comunitária fomentam redes de cadeias produtivas horizontais e verticais, nos quais visitantes contribuem para o sustento, pautadas em princípios do Comércio Justo, Solidário e Sustentável, com redes de distribuição em lojas com práticas de comércio justo, feiras de trocas solidárias e redes convencionais de comercialização de projetos de responsabilidade socioambiental.

A economia solidária não se rege pelos princípios da economia capitalista e, até certo ponto, pode ser encarada como um quesito de socialismo utópico embutido na economia capitalista de mercado (SACHS, 1997, p. 25 - 35). Para (SAMPAIO & CORIOLANO, 2009, p. 12 - 24) o modelo de turismo adotado pelos grandes empreendedores e governos neoliberais, objetiva acumular lucros e divisas, por isto não cumpriu, e provavelmente não cumprirá as promessas de gerar emprego e distribuir renda para todos. Estas ideias vão ficando nos discursos, não chegam às políticas. Mas, contraditoriamente, a atividade turística deixa lacunas não ocupadas pelo grande capital, que passam a ser oportunidades para aqueles excluídos desta concentração, criando-se assim um turismo alternativo, solidário e comunitário. Trata-se de serviços turísticos realizados por pequenos empreendedores, pequenos núcleos receptores, comunidades que descobrem no turismo oportunidades de trabalho e formas de inclusão no mercado do turismo, sendo estas atividades estratégias de sobrevivência.

As principais características do desenvolvimento do Turismo com base comunitária pode estar na criatividade. Importante componente na elaboração dos arranjos produtivos locais- APLs, diante da carência de capital, de informações e outras mais, adaptam-se às realidades locais, ficando em alguns casos à margem da grande hotelaria, das áreas do turismo globalizado oferecendo produtos alternativos como apreciar modos de vida, culturas tradicionais, aprendizagens e valores éticos.

Do ponto de vista cultural o turismo comunitário significa aprender, conhecer o Outro, pois permite o encontro entre alteridades. Em um espaço de vivencialidade, representa valores, signos e símbolos que favorecem a relação entre as pessoas e beneficia a hospitalidade entre quem recebe e é recebido. Para Mendonça (2007, p. 120), as vivências permitem que a pessoa se aproxime de si mesmas, fazendo com que o aprendizado se torne autêntico, pois, é seu próprio corpo que vai produzir conhecimento.

O produto turístico se diferencia por incorporar o modo de viver e de representar o mundo da comunidade anfitriã, onde, não há uma “criação” ou “representação” para receber o turista. Desta forma, prevê na sua essência um intercâmbio cultural com a oferta dos produtos e serviços turísticos, em que há oportunidade para o visitante vivenciar uma cultura diferente da sua e ter contato mais intenso e próximo com a



natureza. Para comunidade local benefícios pela oportunidade econômica gerada e também pelo intercâmbio cultural.

De acordo com Souza Santos *et al* (2005, p.28) Os termos “conhecimento local”, “conhecimento indígena”, “conhecimento tradicional” ou mesmo “etnociência” têm surgido com frequência na última década, com o objetivo de chamar a atenção para a pluralidade de sistemas de produção de saber no mundo e para a sua importância nos processos de desenvolvimento. Um dos aspectos da crise do saber científico moderno está em continuar a perpetuar a relação de desigualdade colonial, recorrendo à aposta numa monocultura do saber. O conhecimento local é normalmente representado como estando, de uma ou outra maneira, em oposição ao conhecimento moderno.

O turismo comunitário pode ser uma alternativa para oferecer a uma determinada demanda dentro de um espaço tempo, uma experiência integradora que permita ressaltar o significado da multiculturalidade como campo de coexistência de culturas e do TBC como campo de vivencialidade. Da mesma forma se opor ao monoculturalismo já que o “conhecimento tradicional” remete para a presença de um sistema homogêneo de pensamento, encobrando o fato de que os grupos sociais renovam os seus conhecimentos constantemente em função de novas experiências e de novos desafios (SOUZA SANTOS *et al*, 2005, p.32).

O turismo comunitário não se limita apenas à observação ou ainda, a vivência com as comunidades tradicionais (autóctones), mas ao envolvimento do visitante com projetos de vida, com a natureza, com a outriedade. Busca pela vivencialidade - concebido como um método de aprendizagem de habilidades sociais em grupo, (DEL PRETTE, 2001, p. 122) - pela tolerância e a troca de experiências que possam permitir ao indivíduo interagir de maneira efetiva com pessoas de diferentes culturas. A educação vivencial é especialmente importante, pois lança os indivíduos a percepção de sua responsabilidade sobre o que acontece no mundo, onde os conceitos sejam internalizados e transformados em comportamentos inovadores e criadores de novos modos de viver, de novas culturas (MENDONÇA, 2010 p. 120). Nessas experiências, a relação com o tempo e o espaço é recriada e as relações como o diferente são transformadas de forma a fazer acontecer o respeito, do interesse e da preservação da dignidade tanto do visitante como do visitado.

Para modificar o paradigma da sociedade contemporânea é necessário proporcionar um processo de vivência, onde experiências possam ser sentidas tanto nas relações consigo mesmo, como no contato com o outro e com o meio.

### 3.2 A experiência de turismo comunitário na Microbacia do Rio Sagrado.

A microbacia Hidrográfica do Rio Sagrado é composta pelas comunidades do Rio Sagrado de Cima, Canhembora, Brejumirim e Candonga (zona rural do Município de Morretes, PR), pertencente à Área de Preservação Ambiental (APA) de Guaratuba e a Reserva da Biosfera de Floresta Atlântica (ReBIO). A APA de Guaratuba é uma Unidade de Conservação Estadual de uso sustentável instituída pelo Decreto Estadual nº 1.234 de 27/03/92.

A principal rodovia de acesso até comunidade do Rio Sagrado é pela BR. 277. Para o interior da região os acessos são feitos por estradas de chão e apresentam certas dificuldades em alguns percursos. A estrada principal (Estrada das Canavieiras) é transitável. Contudo, o excesso de chuvas na região, bem como a falta de manutenção das estradas dificulta muitas vezes o tráfego.

O território é formado por uma paisagem natural de surpreendente beleza cênica onde se destaca a Cachoeira do Sagrado como importante atrativo turístico. A construção da valorização social, cultural, ambiental e espacial demonstra que existe uma estética já socialmente estabelecida e preservada na qual reside a potencialidade de despertar o interesse dos visitantes. Outro fator determinante do potencial paisagístico e natural do referido território é o fato desta porção da floresta atlântica abrigar mais de 65% das espécies de mamíferos e quase 50% das espécies de aves identificadas no Paraná (MIRANDA & URBAN, 2007, p.35).

Em referência aos aspectos sociopolíticos as comunidades estão organizadas em duas associações, Associação de Moradores do Rio Sagrado (Amorisa) com a principal finalidade da gestão do abastecimento da água, e a Associação Comunitária Candonga com a finalidade da agroindustrialização de produtos *in natura* em sua sede (onde está instalada uma cozinha comunitária) e desenvolve ações com o intuito de atuar na defesa dos interesses sociais, culturais e econômicos das famílias associadas. No local encontram-se 520 famílias, das quais 270 são consideradas residentes e 250 famílias não-residentes, ou seja, possuem propriedades para o lazer em finais de semana. Algumas das famílias residentes são pequenas produtoras agrícolas.

As comunidades se constituem num pequeno povoado caracterizado como rural, com uma economia baseada na pequena produção agroindustrial da cana-de-açúcar, da mandioca e de frutas e verduras e são organizados pelos socioempreendimentos localizados na região. A banana abundante no local é importante matéria-prima para a produção de doces, balas, chips e para produção do artesanato feito com a fibra da



bananeira. O comércio é pequeno carecendo de diversificação. Encontram-se duas pousadas, alguns bares, pequenos mercados (cuja venda restringe-se a produtos de primeira necessidade), uma pequena loja de roupas, um salão de beleza, uma loja de materiais de construção e uma chácara que vende plantas ornamentais e outra que vende o sorvete Sabor da Serra. Não há farmácia, açougue, correios, supermercado, padaria ou confeitaria. Os produtos artesanais podem ser adquiridos diretamente com os produtores da comunidade; através da Hospedaria Montanha Beija-Flor Dourado, a qual expõe diversos produtos artesanais para os hóspedes, além da Cozinha Comunitária, na sede da Associação Comunitária Candonga. Há ainda a possibilidade de compra do artesanato na Feira de Morretes, que acontece no centro da cidade, onde um grupo de moradores das comunidades da microbacia expõe e vendem seus produtos.

A criação de um espaço social composto de uma cozinha comunitária e de uma biblioteca são exemplos da iniciativa de trabalho tendo como parceiros a universidade (por meio do conhecimento científico) e comunidade local, neste caso o grupo da terceira idade (aliando o conhecimento tradicional), que está trazendo resultados positivos.

O turismo comunitário – abordada anteriormente - acontece na localidade e é pensado como um projeto de desenvolvimento territorial sistêmico (sustentável) a partir da própria comunidade, na qual promove a vivencialidade entre população originária residente e visitante. Sendo de base comunitária, o turismo fomenta a relação social entre modos de vida distintos, resgatando e reconstruindo o interesse pelo outro, pelo diferente, pela alteridade, pelo autêntico.

As características produtivas existentes na região sudoeste da microbacia do Rio Sagrado e nas suas comunidades se constituem em um APL inseridas em um mesmo território, onde isolamento, a dificuldade de acesso, a falta de sinalização a inviabilidade de transporte por dificuldades das vias e de sua conservação não permite que se produzam e distribuam produtos em larga escala. Mesmo estando bem localizadas (próxima da BR 277) a inexistência do amparo Estatal faz com que estes moradores se organizem solidária e cooperativamente com o auxílio de técnicos e estudantes de instituições de ensino superior de maneira que se constituam no local os arranjos produtivos de base comunitária capazes de garantir e viabilizar a sobrevivência socioeconômica das comunidades.

A infraestrutura para o turismo ainda é modesta. Contudo no local é possível desfrutar de momentos agradáveis, pois na comunidade está disponível uma série de vivencialidades capazes de ocupar de forma prazerosa o tempo dos visitantes. Vale

lembrar que como em qualquer outro local que atenda aos turistas é necessário agendar a visita/hospedagem. As opções de vivencialidades são:

Quadro 01 – Vivências oferecida pela hospedaria e espaço de vivencialidade Montanha Beija-Flor Dourado.

<b>Vivência ofertada</b>	<b>Descrição da atividade</b>
Engenho de Farinha	Os turistas participam da demonstração do processo de transformação artesanal da mandioca em farinha e biju, em um antigo engenho de farinha.
Café	É possível conhecer todo o seu processo de fabricação, que vai desde a retirada do grão do cafeeiro até o café pronto para ser consumido.
Cozinha Comunitária	São preparadas compotas e conservas de frutas típicas do local, bala de banana, bolachas e o de mandioca e de banana. Incluem-se ainda as atividades de agroecologia onde os turistas são levados para conhecer cultivos de horta sem o uso de agrotóxico e com adubação orgânica.
Ervas Medicinais	É possível acompanhar a extração de ervas, fabricação artesanal de essências fototerápicas e conhecer um pequeno laboratório onde se trabalha com ervas das quais são preparados: cremes, pomadas, travesseiros aromáticos e repelentes.
Artesanato com Fibra da Bananeira e Cipó Imbé.	O turista pode acompanhar a extração da fibra da bananeira e do cipó e a confecção do artesanato, onde é demonstrado o processo de seleção e secagem da fibra na propriedade e são confeccionados itens de decoração artesanais.
Trilha no Bananal	Passeio por trilhas abertas na mata, onde é possível chegar até belas cachoeiras.
Roda de música	A roda de viola ao redor da fogueira é oferecida por músicos regionais e nesta atividade são tocadas músicas tradicionais e as pessoas são motivadas a participarem da cantoria.
Alambique	A agroindustrialização da cana-de-açúcar, que ocorre a partir de uma unidade de destilação e a produção artesanal de licores. Os visitantes recebem informações a respeito da fabricação da cachaça, que vai desde a extração da cana até o engarrafamento do produto.
Observação de pássaros	Os visitantes recebem informações sobre as características dos pássaros encontrados no local. Depois são guiados pela floresta para realizar a observação. A vivência é baseada em estudos de ornitologia, oferecida por uma estudante de biologia, e na sabedoria tradicional de um agricultor local, que oferece serviços de guia comunitário.
loga e Reiki	Terapias Complementares.
Feira de Trocas	Espaços para novas e velhas formas de relacionamento para a troca de bens, serviços e saberes, não sendo necessária a utilização de dinheiro para intermediar a troca. Tem como principais participantes os próprios moradores da comunidade e visitantes.

Fonte: Adaptado a partir de: [www.montanhabejiaflordourado.com.br](http://www.montanhabejiaflordourado.com.br) e Zamignan, 2009.



Vale destacar que o turismo comunitário que acontece no território do Rio Sagrado, recebe uma demanda induzida a partir de um público com interesses voltados à pesquisa e a busca de parcerias para desenvolver projetos que envolvam a Universidade e comunidade local:

A faixa etária dos visitantes oscila e o grau de instrução dos entrevistados demonstra uma forte tendência a um grau de instrução elevada, pois são geralmente estudantes universitários de graduação e pós-graduação o que denotam uma maior preocupação destes com o meio ambiente. Os visitantes com nível de escolaridade mais elevado são mais exigentes, mais informados, mais sensibilizados para as questões socioambientais e com as questões da preservação cultural e da identidade das comunidades visitadas (GRIMM & SAMPAIO, 2010, p. 13)

Diante disso, se ressalta que a satisfação dos visitantes em relação às vivências é alta afirmando que esse contato direto dos visitantes com a natureza e a cultura local é uma das características mais singulares do turismo de base comunitária. As “trocas” de experiências entre visitantes e visitados confirma-se nas relações de proximidade e vivencialidade e no respeito às alteridades.

#### **4 METODOLOGIA DE TRABALHO E RESULTADOS**

Metodologicamente este trabalho valeu-se de da combinação de um ensaio e de uma pesquisa bibliográfica tendo como referencial a temática do multiculturalismo e do turismo de base comunitária (TBC). As reflexões e os resultados de pesquisas são produtos de entrevistas – fruto de trabalho de conclusão de curso de turismo ( Furb, Blumenau) - realizadas junto aos turistas que visitaram as comunidades da Microbacia Hidrográfica do Rio Sagrado, durante o período de um ano (2009), e que participaram das experiências de Turismo de Base Comunitária (ZAMIGNAM, 2009, p. 140). O objetivo era conhecer suas percepções quanto aos aspectos culturais e naturais do local visitado.

Outra metodologia aplicada a de oficina de “Espaços de Trocas”, desenvolvida participativamente na comunidade serviram para perceber o “sentimento” do morador em relação aos visitantes, bem como para identificar as oportunidades e dificuldades do turismo que vem acontece na comunidade. Vale mencionar que as oficinas foram desenvolvidas como metodologia da dissertação de mestrado em Desenvolvimento Regional da Furb – Blumenau (GRIMM, 2010, 200 p.).

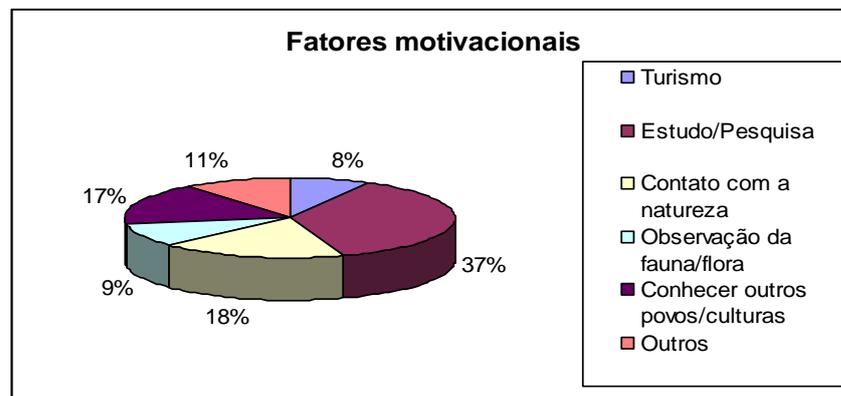
A pesquisa participante se desenvolve a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas envolvendo um processo de investigação, de educação e de ação, com o objetivo de mudança ou transformação social (HAGUETTE,

2003, p.32). A partir da participação comunitária e alicerçado pelo saber local e conhecimento científico a oficina possibilitou a construção de um “mapa turístico” para auxiliar os visitantes na sua locomoção neste território.

#### 4. 1 Análise das entrevistas: percepções dos turistas quanto aos aspectos culturais e ambientais.

O perfil dos turistas que visitam as comunidades do Rio Sagrado está diretamente ligado à sua bagagem cultural e seu nível de consciência socioambiental. Para eles o Turismo Comunitário é uma forma alternativa à convencional de fazer turismo, onde a aproximação com os moradores do lugar passa a articular e construir a cadeia produtiva deixando a renda no local para a melhoria da qualidade de vida dos seus moradores. Na visão desta demanda esta modalidade de turismo se desenvolve a partir dos modos de vida e costumes dos moradores de uma determinada comunidade, fazendo com que se preocupem com os impactos gerados, na manutenção dos modos de vida, na preservação da biodiversidade. Seu perfil está diretamente ligado à possibilidade de contato e troca de experiência com o local visitado.

Gráfico 02 – Fatores que motivam o visitante a conhecer o Rio Sagrado.



Fonte: Zamignan, 2009.

Vale lembrar que este visitante constitui uma demanda induzida. A visita ao Rio Sagrado está diretamente ligada a interesses de pesquisa e produção do conhecimento. Contudo, estes visitantes – estudantes de graduação, pós-graduação e professores universitários - tem suas expectativas relacionadas à busca de novas experiências e ao contato mais próximo com a natureza e a modos de vida diferentes da sua.



#### **4.2 Oficina de Trocas: percepção dos moradores sobre o turismo.**

Os benefícios para as comunidades locais que dependem de uma atividade de baixo impacto (número controlado de turistas) para diversificar sua economia e preservar o meio ambiente, divulgar sua cultura por meio da vivencialidade e gerenciar suas atividades sociais com dignidade, passa pelo turismo de base comunitária.

Estes moradores conhecem as dificuldades de se receber, principalmente diante da avaliação feita pelos turistas que contemplou como satisfatórios critérios da infraestrutura básica, de apoio e turística. Porém, a sinalização e o acesso ao local receberam as menores notas o que denota a necessidade de melhorias. Na voz dos moradores “quando nos deparamos a trabalhar o turismo, precisamos planejar a atividade”. Planejar o turismo começa na análise das formas e condições de acesso (estradas, sinalização, mapas, guias, divulgação, etc.), essa é a premissa para dar andamento aos projetos e ações que possam fomentar a atividade turística maximizando benefícios e minimizando seus impactos negativos.

Outro determinante do turismo comunitário é o contato com a natureza até mesmo em lugares pouco explorados, podendo atender a dinâmica de conservação de locais muitas vezes ameaçados pela exploração. O Rio Sagrado apresentar uma situação positiva no que concerne à preservação do meio natural, as comunidades caminham passo a passo junto com a comunidade acadêmica para a solução de seus problemas ambientais. É bom destacar que muitas atrações naturais da região ainda não são visitadas, como é o caso da inúmera quantidade de cachoeiras existentes e que ainda não recebem turistas por estar em lugares de difícil acesso ou mesmo serem conhecidas somente por moradores locais.

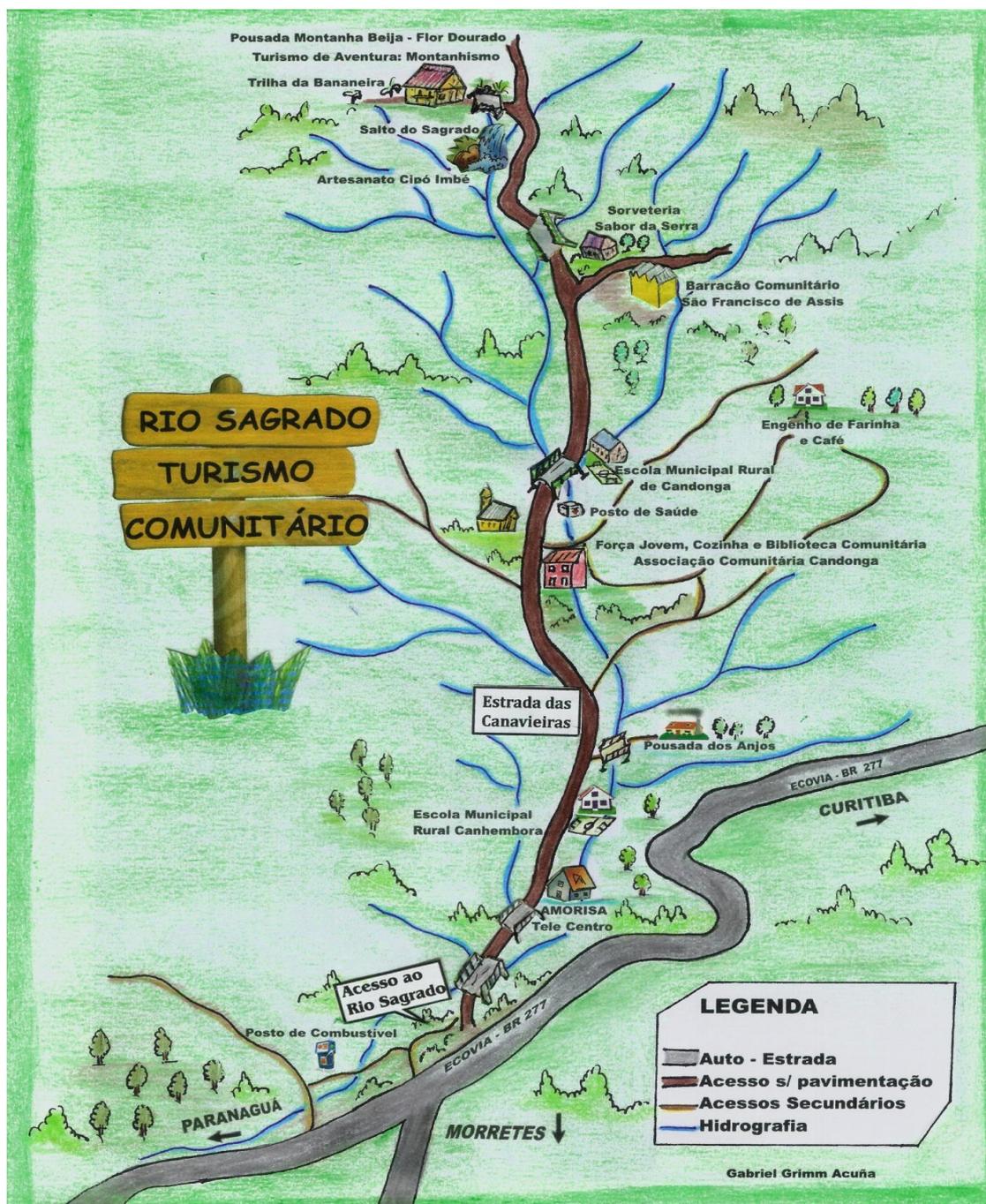
#### **4.3 Oficina de Trocas: a elaboração do mapa turístico.**

Durante as oficinas de “espaço de troca”, foi destacado que deveria ocorrer na localidade melhoria de acesso e sinalização. Para se chegar ao Rio Sagrado utiliza-se a BR. 277, sentido Curitiba/Morretes ou Paranaguá/Morretes, sem muitas dificuldades. Contudo, a circulação interna nas comunidades é dificultada pela má conservação das estradas, pois as mesmas não são pavimentadas e, sobre tudo, pela falta de sinalização.

Para contribuir na localização e acesso dos visitantes à comunidade amenizando a falta de placas de sinalização durante a oficina foi confeccionado um mapa turístico elaborado pelos moradores a partir das suas em relação ao local onde vivem e que

querem mostrar aos turistas. Estabelecendo conexões entre as diferentes vivências, imagens e memórias, o mapa contribuiu na localização e acesso dos visitantes à comunidade amenizando a falta de placas de sinalização dos pontos de interesse turístico (Figura 01).

Figura 01: Mapa turístico do Rio Sagrado, Morretes (PR).



Fonte: Grimm e comunidade do Rio Sagrado, Morretes (PR), 2009.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão - diante das vulnerabilidades socioambientais, turismo de base comunitária pode ser considerado como estratégia de reconhecimento de multiculturalidade e conservação de modos de vida tradicionais? - não tem pretensão de esgotar o assunto, mas de contribuir ao debate demonstrando que turismo de base comunitária permite cercania do visitante com a comunidade autóctone, despertando percepção de realidades distintas, a partir da cotidianidade vivida com a produção, o artesanato, o espaço e o ambiente natural, enfim, o que possibilita vivencialidade entre modos de vida distintos.

Por sua vez, o multiculturalismo em contexto de relações sociais diversificadas, pode ser entendido como perspectiva cultural de alcance, cultura dinâmica que refaz, modifica e reconstrói interações, conciliando diversidade de costumes, concepções e valores, sem risco de se excluir manifestação das alteridades entre culturas.

Da mesma forma se observa que o exposto por Knechtel (2005, p.43), no qual “multiculturalismo refere-se ao fato de várias culturas encontrarem-se no mesmo espaço e tempo”, turismo comunitário favorece o que se pode chamar de experiência autêntica, onde interação não se constitui em artifício, mas em prática de convívio de modos de vida. Ela ocorre sem intervenções, disfarces e cenários. É realidade das comunidades, da vida diária dos habitantes em que o turista passa a fazer parte e, portanto, deve estar preparado para poder conviver com as diferenças.

Por fim, o multiculturalismo é fundamental para identificar e valorizar propostas alternativas de produção e uso de tecnologias que resgatem conhecimento tradicional, o qual produz necessariamente menor impacto ambiental. É neste viés que turismo comunitário encontra terreno fértil, se compreender em seus meandros a coexistência de múltiplas culturas como propulsor de novas formas de produção que visem aproximação, do que a educação ambiental chama, da outridade, privilegiando diálogo e resgate de conhecimentos tradicionais, para construção de novas formas societárias contrapondo características produtivistas que regem contemporâneas sociedades urbano-industriais.

## REFERÊNCIAS

FOERSTE, Erineu... [et al.] ; pesquisadores colaboradores, Antonio Faundez ... [et al.]. - Vitória, ES: UFES, (2010) Programa de Pós-Graduação em Educação, 200 p.: il. In: BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Interculturalidade e interdisciplinaridade na



educação do campo: povos, territórios, saberes da terra, movimentos sociais, sustentabilidade.

DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira (2004) Treinamento de habilidades sociais com crianças: Como utilizar o método vivencial. In COSTA, C. E.; LUZIA, J. C.; SANT' ANNA, H. H. N. (Org.). Primeiros passos em Análise do Comportamento e Cognição. (vol. 2). Santo André: ESETec, p. 111-119.

FLORIANI, Dimas (2010) Diversidade cultural, desafios educacionais e sistemas cognitivos: para pensar uma modernidade em crise. Revista eletrônica, Mestrado em Educação Ambiental, ISSN 1517-1256, FURG, v especial, setembro de 2010.

FLORIANI, Dimas (2012) Apresentação - Educação Ambiental e Multiculturalismo. (Org.) KNECHTEL et al. Curitiba, UFPR.

GRIMM, Isabel Jurema (2010) Planejamento Territorial: uma metodologia de monitoramento de Indicadores Socioambientais na Microbacia Hidrográfica do Rio Sagrado, Morretes (PR). Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) FURB: Blumenau, 210p.

GRIMM, Isabel Jurema; SAMPAIO Carlos Alberto Cioce (2011) Turismo de base comunitária: convivencialidade e preservação ambiental. In: Revista Brasileira de Ciências Ambientais, n. 09 - março de 2011. Acessível em: <http://www.rbciamb.com.br>.

HAGUETTE, Tereza Maria Frota (2003) Metodologias qualitativas na Sociologia. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 224 p.

KNECHTEL, Maria do Rosário (2005) Multiculturalismo e processos educacionais. Curitiba: Ibpex.

LEFF Henrique (2002) Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Rio de Janeiro: Vozes.

MENDONÇA Rita (2007) Educação Ambiental Vivencial. In: Encontros e caminhos: formação de educadoras (ES) ambientais e coletivos educadores. (Org.) FERRARO JUNIOR, Luiz Antonio. Brasília: MMA, Departamento de Educação Ambiental, v. 2; 352 p.

MIRANDA, Nego; URBAN, Teresa (2007) Morretes, meu pé de serra. Curitiba: Ed. do Autor, 131 p.: il.

MORALES, Góes Muller; SOUZA LIMA, José Edmilson de Souza Lima; KNECHTEL, Maria do Rosário; CARNEIRO, Sônia Maria Marchiorato; NOGUEIRA, Valdir (2010) Educação Ambiental e Multiculturalismo: reflexões para a formação de educadores. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v.5, n.1, p. 31-38, jan.-jun. 2010. Disponível em <http://www.periodicos.uepg.br>. Acessado em junho de 2012.

MORIN, Edgar (2000) Os sete saberes necessários à educação do futuro. 2ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília DF: UNESCO.

Organização das ações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO (1996). Disponível em [www.unesco.org/pt/brasil](http://www.unesco.org/pt/brasil). Acessado em 24 de novembro de 2009.



SACHS, Ignacy (1997) Estratégias de transição para o século XXI: Desenvolvimento e meio ambiente. São Paulo: Nobel; p. 25 – 35.

SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce (2010) Projeto Gestão que privilegia o desenvolvimento territorial sustentável: complexificando o conceito a partir da experiência paradigmática do Cooperativismo Corporativo de Mondragón. CNPq.

SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce (2005) Turismo como fenômeno humano: princípios para pensar a socioeconomia e sua prática sob a denominação turismo comunitário. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce; OYARZÚN, Enrique ( 2006) Arranjo Socioprodutivo de Base Comunitária: análise comparativa de experiências de turismo comunitário no Brasil e no Chile. In: IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL. Caxias do Sul.

SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce; CORIOLANO, Luzia Neide (2009) Dialogando com experiências vivenciadas em Marraquech e América Latina para compreensão do turismo comunitário e solidário. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, v. 3, n. 1, p. 4-24.

SANTOS, José Luis dos (1996) O que é Cultura. 14ª ed. São Paulo: Brasiliense, coleção primeiro passos.

SOUZA LIMA, José Edmilson; KNECHTEL, Maria do Rosário (2012) Multiculturalismo e Educação Ambiental: dois campos de coexistência das racionalidades ambientais. In: Educação Ambiental e Multiculturalismo. (Org) MORALES, Angelica Góes Muller *et al*, Curitiba, UFPR.

SINGER, Paul (2002) Introdução à economia solidária. São Paulo: Perseu Abramo.

ZAMIGNAN, Gabriela (2009) O perfil do turista da modalidade de turismo comunitário: um estudo da experiência de turismo de base comunitária na Micro Bacia do Rio Sagrado. Monografia (Curso de Graduação em Turismo e Lazer). Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Universidade Regional de Blumenau (FURB), 140 p.

---

<sup>i</sup> Gersem é o primeiro índio com mestrado em Antropologia no país, obtido na Universidade de Brasília (UnB). Doutor em Antropologia Social na UnB. É também autor do primeiro livro da série Via dos Saberes, intitulado O índio brasileiro – O que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje (Brasília, Edições MEC/UNESCO, 2006).